

## Histórias de aprender cidadania

---

Os alunos tinham acabado de fazer a autoavaliação da última proposta de trabalho semanal. Era hora de realizar mais uma Assembleia de Turma. Da agenda constavam dois pontos: elaborar a nova proposta de trabalho e opinar sobre a escola.

Procedeu-se à eleição do presidente da mesa e respectivo secretário. Os votos presentes na urna não correspondiam ao número de alunos da sala, porque a Paula tinha resolvido votar em três colegas diferentes, facto que levou à repetição do acto eleitoral.

Após a análise dos resultados, a Maria e a Leandra ocuparam os respectivos lugares, naquela poderosa mesa da sala de aula. À primeira incumbiu-se a função de gerir a participação oral dos cidadãos, enquanto a segunda escreveria a acta.

- Eu tenho uma proposta de trabalho ? dizia o Pedro. Eu quero saber coisas sobre planetas.

- Eu quero aprender a letra J, professor ? lançava o João.

- Não é a mim que tens de dizer isso. É a presidente da mesa que comanda ? alertou o professor.

Claro que o professor anotava as várias propostas dos alunos, porque era necessário negociá-las posteriormente, mas o papel do presidente da mesa da Assembleia tinha de ser realçado.

- Eu gostava de aprender a multiplicação ? declarou o Milton.

- Eu gostava de aprender a letra A ? referiu timidamente a Isabel.

- Mas nós já aprendemos essa letra ? mencionou o Diogo.

Foi risada geral na sala de aula.

Mariana interrompeu os colegas e alertou:

- Mas a Isabel ainda não aprendeu essa letra.

Aproveitando a deixa, o professor esclareceu que ninguém é igual, e que todos têm o direito de escolher e aprender de acordo com as suas características individuais. E deu o exemplo: a Isabel ou a Mariana têm o direito de trabalhar coisas diferentes das do Pedro.

Curiosamente, foi a primeira vez que a Isabel interveio numa Assembleia, após dez meses na sala de aula.

Normalmente permanecia calada e um pouco a leste do que se passava em seu redor. O professor tinha a noção de que era preciso dar tempo ao tempo para que muitas destas crianças comesçassem a assimilar o que a escola lhes pedia. A Isabel, como muitos outros alunos, era dona de uma história familiar e escolar um pouco estranha.

E durante largos minutos, os catraios continuaram a revelar as suas sugestões. Como sempre, mais tarde o professor iria juntar as suas propostas de trabalho e tudo estaria praticamente delineado. No entanto, os alunos teriam sempre a oportunidade de juntar mais propostas ao plano do dia, pois a vida não é tão linear como se pensa?A vida é uma caixinha de surpresas.

No que diz respeito ao segundo ponto da agenda, o Alexandre quis ser o primeiro a falar:

- Acho mal que tenham colocado aquela rede no recreio, que não nos deixa ir brincar para o campo de futebol.

- Vamos arrancá-la ? sugeriu o José.

- Não se pode tirar a rede dessa forma ? avisou o professor. ? Temos de pedir a quem a colocou.

Depois de um breve diálogo sobre a melhor maneira de reclamar, concluiu-se que se deveria escrever uma carta à Câmara Municipal.

O professor lembrou que já alguns meninos o tinham feito, mas nunca obtiveram uma resposta.

- Se eles não responderem, a gente insiste. Nunca desistiremos ? proclamou o Pedro.

- É fácil de resolver isto. A rede é colocada lá em baixo, ao pé do portão por onde os meninos fugiam. Colocam-se umas paredes naquele lado e um portão tipo garagem, blá, blá, blá?. ? explicou concentradamente o João.

- Bem pensado. Vais dar engenheiro ? apontou o professor.

Enquanto a carta era redigida, o Rui perguntou:

- Posso ir à casa de banho?

- Posso? ? retorquiu o professor.

- Ah! Esqueci-me. Tenho o dever de informar?e também dizer sempre a verdade senão perco os direitos. ? lembrou o Rui. - Professor, vou à casa de banho.

- Professor, professor, ainda não trabalhámos nada hoje. Quero fazer umas fichas ? gritava a Mariana.

- Já trabalhaste mais do que julgas, Mariana! ? respondeu o professor.